

## **As contribuições de Waldisa Russio para o desenvolvimento da Acessibilidade Cultural: práticas, reflexões e reciprocidades com o pensamento da Sociomuseologia**

Viviane Panelli Sarraf<sup>1</sup>

*Waldisa Russio's contributions to the development of Cultural Accessibility: practices, reflections and reciprocities with the thought of Sociomuseology*

### **Um breve contexto sobre o engajamento de Waldisa Russio com a acessibilidade nos museus**

Waldisa Russio (1935-1990), advogada, poetisa, professora, servidora pública e museóloga paulista, atuou como diretora do Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo entre os anos de 1979 e 1987, onde desenvolveu experiências de inclusão de novos públicos e de representatividade nas ações de preservação e difusão sob sua coordenação. Por consequência dessa diretriz de trabalho se envolveu com os movimentos e causas em defesa dos direitos das pessoas com deficiência, das crianças, dos jovens, dos trabalhadores da indústria paulista, das mulheres e das populações economicamente carentes.

Essas experiências empíricas e seu engajamento nos movimentos sociais resultaram em reverberações em sua produção teórica; no projeto de criação, exposição inaugural e no programa educativo da Estação Ciência desenvolvidos entre os anos de 1986 e 1987; e em projetos posteriores, que por razões alheias não foram viabilizados (podemos citar como exemplos o Museu da Criança, o Espaço Criança, o Ecomuseu do Homem e da Paisagem e o Museu da Votorantim).

O direito de acesso aos museus para populações consideradas minoritárias é uma demanda inerente ao cumprimento da Função Social e Educativa dos museus. Nesse sentido Waldisa Russio criou e disseminou o conceito dos museólogos e/ou profissionais de museu como trabalhadores sociais, amplamente problematizado em sua produção teórica, empírica e em suas atividades de docência, na qual foi responsável pela formação de profissionais de museus no Brasil e países Latinoamericanos por mais de uma década.

A museóloga também foi pioneira na criação dos projetos museológicos participativos. Chegou a desenvolver ações dessa natureza com membros da comunidade e representantes de novas identidades, prioritariamente no Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo.

Waldisa não estava sozinha em sua militância pela inclusão social e direito de acesso aos museus. Compartilhava esse compromisso com outros profissionais, com os quais teve a oportunidade de trabalhar em parceria, ou de conhecer as ações por meio de visitas técnicas em museus europeus e norte-americanos. No Fundo Waldisa Rússio<sup>2</sup> salvaguardado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, há vários cadernos de anotações, nos quais a museóloga registrou informações e suas percepções sobre projetos e programas acessíveis para pessoas com deficiência, crianças, jovens e idosos desenvolvidos em museus estrangeiros,

---

<sup>1</sup> Professora Colaboradora -PPGMus-USP e Diretora - Museus Acessíveis, <https://orcid.org/0000-0002-7748-0052>, [vsarraf@gmail.com](mailto:vsarraf@gmail.com).

<sup>2</sup> O Fundo Waldisa Russio é um arquivo pessoal, doado pela família da museóloga ao IEB-USP, que contém seus documentos de trabalho e vida pessoal acumulados em vida. O Fundo foi sistematizado recentemente, entre os anos de 2017 e 2022, por meio de um projeto de pesquisa coordenado pela autora desse capítulo. A consulta ao Guia do Fundo e aos documentos descritos até a conclusão do projeto, se encontram disponíveis no catálogo eletrônico do Arquivo no website da Instituição.

Submetido 02/02/23, aprovado 04/09/24

de diferentes perfis: de artes, de história, de ciências, de antropologia, de tecnologia e outros. Nesse contexto também encontramos anotações sobre conceitos da deficiência e de inclusão social durante sua participação em eventos da área no Brasil e em reuniões de trabalho em instituições representativas; além de folhetos e demais materiais promocionais e informativos dessas instituições, como Fundação para o Livro do Cego no Brasil (atual Fundação Dorina Nowill para Cegos), Derdic, APAE, AACD, entre outras.

O período de maior ascensão profissional de Waldisa Russio, na área de museus e museologia, ocorreu entre meados da década de 1970 e o ano de 1990, ocasião de seu falecimento, antes de completar 55 anos. Concomitante ao desenvolvimento acadêmico e empírico da museóloga, do final da década de 1970 até a década de 1990, os movimentos sociais e políticos das pessoas com deficiência, se consolidaram e expandiram sua militância em diferentes países, incluindo o Brasil.

As demandas desses movimentos, ocorridas nessa ocasião, levaram instituições como a ONU e a UNESCO a realizarem ações afirmativas em benefício dessa população. Como exemplo dessa afirmação podemos mencionar a criação do Ano Internacional da Pessoa Deficiente pela ONU, em 1981. Países membros da Organização e instituições de âmbito internacional receberam correspondências e materiais promocionais sobre a data comemorativa e sobre as questões a serem debatidas em eventos públicos, ações governamentais, publicações e outras frentes.

O ICOM – *International Council of Museums*, foi uma das instituições internacionais a aderirem as propostas do Ano Internacional da Pessoa Deficiente, em suas ações realizadas junto aos membros institucionais e individuais com alcance internacional. Realizaram publicações sobre a temática e um levantamento de exposições e ações educativas inclusivas para pessoas com deficiência realizadas por museus, principalmente do continente europeu e norte-americano.

O Governo Federal do Brasil, que na ocasião ainda passava por um período de ditadura civil-militar, também realizou ações de difusão da proposta da ONU, enviando os materiais promocionais e informativos da data aos seus governos estaduais.

Russio tinha relações profissionais, tanto com o ICOM, como membro associado e participante do ICOFOM – *International Comitee for Museology*, quanto com o Governo do Estado de São Paulo, como servidora pública, no cargo de Coordenadora do Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia criada no ano de 1978. Nesse sentido, recebeu informações e materiais promocionais advindos dessas duas instituições, que estão presentes na documentação que compõe o Fundo Waldisa Russio no IEB-USP<sup>3</sup>. Nesse mesmo ano de 1981, na coordenação do Museu da Indústria, produziu a exposição “O Trabalho do Deficiente: realidade e possibilidade” e o Ciclo de Debates “O Papel do Deficiente na Sociedade”, ambos no SESC Carmo – unidade do Serviço Social do Comércio de São Paulo, localizada na região central do município de São Paulo, próximo a Praça da Sé e do Terminal Parque Dom Pedro, áreas com grandes quantidades de pessoas em situação de vulnerabilidade social – moradores de rua, usuários de drogas, pessoas e famílias de baixa renda, que em alguns casos recebem atendimento de instituições religiosas e de assistência social existentes nesses bairros.

No entanto, a atenção e as ações promovidas pela museóloga em benefício das pessoas com deficiência não tiveram início no ano de 1981, bem como não se restringiram a esse período. Como já afirmado no início desse texto, Waldisa já demonstrava interesse na temática da promoção de acesso a pessoas com deficiência e outros contingentes populacionais vulnerabilizados nos museus.

---

<sup>3</sup> Os materiais encontrados no Fundo Waldisa Russio sobre o Ano Internacional da Pessoa Deficiente foram: uma ICOM Maganize (Revista do ICOM), com destaque para a temática da inclusão de pessoas com deficiência em museus, panfletos da ONU sobre a data, em Inglês e Português, e materiais promocionais e informativos de instituições nacionais de atenção a pessoa com deficiência.

## A proposta-projeto de Museu da Criança

No ano de 1975 Waldisa Rússio, que na ocasião atuava na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e que já era servidora pública do Governo do mesmo estado, desde 1959, ingressa no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da FESP-SP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, para realizar sua pesquisa de mestrado. O tema escolhido por Waldisa foi o estudo do papel das instituições museológicas frente a realidade social, econômica e política do Brasil, que na ocasião, se configurava como um país em desenvolvimento.

O primeiro projeto de pesquisa que a profissional submeteu a FESP-SP, apresentava como objeto de estudo o papel dos museus no desenvolvimento social, econômico e político na América Latina, o que denota que ela sempre considerou o Brasil como parte da configuração geopolítica da região (consenso que já sofreu diferentes posicionamentos políticos e sociais ao longo do século XX), além de perceber consonâncias históricas e culturais que embasavam suas convicções. No entanto, a pesquisa que foi realizada de fato por Waldisa e que legou a ela o título de Mestre em Ciências Sociais e de Ciências de Museus, conseqüentemente de Museóloga<sup>4</sup>, teve como título “Museu, um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento”, e como objeto de estudo os museus brasileiros.

Nesse trabalho, que teve sua defesa pública e aprovação no ano de 1977, discorre sobre as condições sociais da população brasileira e sobre a situação de vulnerabilidade das crianças e jovens em nosso país, com a clara preocupação de como os museus poderiam atuar de forma propositiva em relação a essa situação. No 5º capítulo da dissertação cujo título é “O Museu e o Público”, apresenta, no tópico 5.3 “Uma proposta, um projeto: **Museu da Criança** – ação comunitária com possíveis repercussões ao nível da sociedade”.

Nesse texto Waldisa esclarece que a sua proposta de Museu da Criança não é inédita, e que, na ocasião de sua pesquisa, já existiam algumas instituições congêneres, apresentando inclusive uma pequena listagem de museus destinados ao público infantil, sendo sua maioria na Índia e com data de criação entre meados da década de 1950 e final da década de 1960. Os referenciais utilizados para justificar a existência e a criação de museus de e para crianças, eram principalmente de teóricos da área de educação como Winnicott e Piaget, mas ela também apresentou citações de um teórico ainda pouco conhecido nesse cenário, as quais teve acesso por meio de um artigo publicado no periódico *Museum XXI* do ICOM sobre experiências de museus para o público infantil na Índia. O autor era Phraba Sahasrabudhe, e seu artigo de 1968, era intitulado “*The object, the child and the museum*”.<sup>5</sup>

Em seu texto, ela deixa claro que o diferencial de Museu da Criança que propõe, está no acervo do mesmo, ou como compreendemos hoje, na política de acervo. Pois no ideal de Waldisa, os objetos de criatividade infantil, que seriam parte da coleção, deveriam ser selecionados pelas próprias crianças. Podemos confirmar esse princípio na citação a seguir, extraída da dissertação de mestrado da autora:

Qual seria o Acervo do Museu da Criança?  
Aqui, talvez, esteja a originalidade do projeto, pois a coleta deverá preocupar-se com um acervo de tríplice natureza: a)

---

4 O título de museóloga foi atribuído a Waldisa Russio por Fernanda Camargo Moro, logo após a defesa de sua dissertação de mestrado na FESP-SP. Fernanda, que na ocasião trabalhava no Rio de Janeiro como professora do Curso de Museologia da UNIRIO e em sua própria empresa de museologia, era presidente da AMICOM – Associação de Amigos do ICOM e do Comitê Brasileiro no conselho. Após a conclusão e aprovação da pesquisa de Waldisa, Fernanda enviou uma carta em nome do Comitê Brasileiro do ICOM, atribuindo o título de Museóloga e de delegada regional do ICOM-BR em São Paulo.

<sup>5</sup> Artigo disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000011716>

objetos ligados ao universo infantil, pertencentes a sua realidade próxima e suscetíveis do se converterem em categorias museológicas (brinquedos convencionais e “fabricados” pela criança; objetos de variada natureza, desde trajes até mobiliário, artigos escolares, etc.); b) objetos culturais – inclusive os abrangidos pelo campo funcional de outros museus – seja através da exposição do objeto em si, de uma boa réplica ou de sua reprodução gráfica; os métodos audiovisuais, o cinema e a TV em circuito interno, seriam de enorme utilidade; c) objetos resultantes da criatividade infantil, abarcando não só as atividades plásticas, mas a literária (suscetíveis de preservação, exposição e comunicação) sem perder de vista as artes cênicas e a própria música, estas desenvolvidas em atividades de animação cultural. Os objetos de criatividade infantil deverão ser, sempre, escolhidos pelas próprias crianças, mais sensíveis do que o adulto e menos condicionadas que estes por modismos, mais aptas para julgar aquilo que é, nelas, um meio de auto-expressão e não uma preocupação estética.” (Russio, 1977 p. 156-157)

A concretização dessa proposta-projeto, apresentada pela primeira vez em sua dissertação, foi perseguida por Waldisa ao longo de sua trajetória profissional, até a ocasião de seu falecimento. No Fundo Waldisa Rússio foram encontradas diferentes versões do projeto do Museu da Criança com intenções de serem implantados junto a FESP-SP, como um dos laboratórios do Curso de Especialização em Museologia da instituição no final dos anos 1970; no Museu Gulbenkian em Lisboa-Portugal em meados da década de 1980; como uma das unidades do Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo ao longo da década de 1980 e dentro do Espaço Criança, projeto criado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, durante a gestão da Prefeita Luiza Erundina, em uma área onde havia ocorrido o soterramento de barracos que levaram ao falecimento de várias crianças na Favela Nova República no bairro do Morumbi – zona sul, no ano de 1989.

Ao desenvolver as bases conceituais do Museu da Criança em sua dissertação, a autora afirma que:

“Mais do que existirem para os objetos, os museus devem existir para as pessoas”...Experiência vital para o homem contemporâneo, o museu permanece inacessível a parcelas significativas da população. Num país como o nosso, em que a pirâmide demográfica repousa sobre uma larga base de crianças e jovens, é imperdoável que os museus não tenham sido despertados para a necessidade de

serem algo mais que meros “complementos” da educação formal, um resíduo arqueológico do ensino... (Russio, 1977 p. 147)

Podemos afirmar que a citação acima representa uma das bases da Educação Museal no Brasil, bem como da área de educação em museus em âmbito internacional, que entretanto ainda não reconhecem a contribuição de Waldisa Russio para seu desenvolvimento.

Em uma tentativa recente de buscar esse reconhecimento, a pesquisadora Sophia de Oliveira Novaes, entre os anos de 2018 e 2019, desenvolveu, sob minha orientação, uma pesquisa de Iniciação Científica sobre o Museu da Criança de Waldisa Russio, com o título: “Waldisa Rússio: Museologia, Educação e Curadoria. O museu como ambiente participativo”, junto ao Projeto de Pesquisa “O Legado Teórico de Waldisa Russio Camargo Guarnieri: reconhecimento e consolidação dos seus estudos, baseados em experiências empíricas em museus brasileiros para a teoria museológica internacional” por mim coordenado. Nessa ocasião, a aluna voltou sua atenção para a produção teórica e empírica de Waldisa acerca das tentativas de criação do museu – desde a gênese da primeira proposta, até as tentativas de implementação em diferentes instituições. Além da pesquisa acadêmica, Sophia também criou propostas de ateliês de criação artística e oficinas abertas a comunidade baseados nas relações de educação em museus, propostas por Waldisa e que foram realizadas em diferentes instituições. E como parte de seus processos criativos como artista visual, propôs representações gráficas de como seria esse museu, caso tivesse existido, o que nos ajuda a imaginar a proposta concretizada, mesmo não sendo viabilizada durante a trajetória de Waldisa.

**Figura 1:** Ilustrações de Sophia de Oliveira Novaes sobre o Museu da Criança, criadas para as peças de identidade visual do Seminário “As contribuições de Waldisa Rússio para a Museologia e para os Museus em Homenagem aos 50 anos do Museu da Casa Brasileira, realizado no ano de 2021 em modalidade online, devido as restrições impostas pela Pandemia do COVID-19.



Fonte: Sofia Oliveira Novaes



Fonte: Sofia Oliveira Novaes

### **A gênese das ações empíricas acessíveis e das proposições teóricas sobre os direitos culturais das pessoas com deficiência na obra de Waldisa Russio**

A pauta dos direitos culturais das pessoas com deficiência e pessoas em situação de vulnerabilidade social, estavam entre os temas de interesse de Waldisa Russio entre o final da década de 1970 e início dos anos de 1980.

No Fundo Waldisa Rússio, arquivo pessoal a museóloga, pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, há documentos como: referências bibliográficas, anotações de informações compartilhadas em eventos científicos, programações

de eventos, folhetos de instituições de assistência a pessoas com deficiência e anotações de observação de programas de inclusão de pessoas com deficiência em museus norte-americanos e europeus.

No entanto, as primeiras ações museológicas que discutiram e praticaram o acesso de pessoas com deficiência nos museus, desenvolvidas pela profissional, tiveram início no ano de 1980.

Um dos documentos que mais chamou nossa atenção, presente no Fundo Waldisa Rússio, foi o catálogo da exposição “As mãos vêem” do Museu Calouste Gulbenkian, datado de fevereiro/março de 1980. A publicação, reúne textos de apresentação; introdução; e críticos sobre a temática do acesso tátil a arte e aos objetos culturais; fichas técnicas e fotografias dos trabalhos de arte expostos. A exposição, de caráter itinerante, foi concebida por Danièle Giraudy<sup>6</sup>, do *Atelier des Enfants* do *Centre Georges Pompidou* na França, com o objetivo de ser uma experiência aberta a todos os públicos e não exclusiva para a fruição de pessoas com deficiência visual.

No texto de apresentação, Maria Teresa Gomes Ferreira, diretora do museu, que na ocasião desenvolvia alguns projetos museológicos internacionais em parceria com Waldisa Russio, afirma, sobre o caráter inclusivo e extensivo da mostra, que:

Limitar esta exposição à visita de deficientes visuais seria trair o objetivo de uma Educação pela Arte, relativamente à integração social da globalidade das crianças. Limitar os deficientes a esse tipo de exposições seria negar-lhes o acesso à compreensão de sua origem, interceptar-lhes o sentido da continuidade da Vida, dispensando por outro lado os Museus de Arte de pesquisas de comunicação que alarguem a todos a inteligibilidade de sua mensagem. (Ferreira, 1980 p.3)

Sobre o público alvo dessa exposição - as crianças abaixo dos 12 anos - a criadora da exposição Daniele Giraudy, no prefácio deste catálogo, afirma que:

A cidade em que a Criança não é Príncipe é um vasto labirinto organizado pelos adultos. Em face dos perigos e interdições vindos quer de casa quer da escola, a criança tem poucas hipóteses de brincar livremente ou então de conhecer aquilo que lhe pode ser mais útil: aguçar a sua curiosidade e o seu desejo de aprender, entrar em contacto com os outros, desabrochar descobrindo as suas diferenças, desenvolver a sua imaginação e o seu poder de criar, de sonhar, de amar, de perceber com cinco sentidos que deveriam ser tão cuidadosamente educados como a memória, o raciocínio, a disciplina de

---

<sup>6</sup> Autora do livro “O museu e a vida” referência na area de Educação Museal.

que se encarrega a maior parte das vezes a escola (Giraudy, 1980 p. 06).

E sobre o caráter extensivo da exposição para outros visitantes nos leva a refletir sobre:

Descobrimos então que os nossos cinco sentidos balbuciam mal, enquanto que elas com os seus quatro sentidos chegam as maravilhas que são outras tantas lições: encontrar o traço de um cheiro, ler um sorriso com a ponta dos dedos, ouvir a fadiga de uma voz ou a sua ternura (Giraudy, 1980 p. 06).

Podemos afirmar que, tanto as pesquisas de campo realizadas por Waldisa em museus norte-americanos e europeus; quanto a exposição e a publicação “As Mãos vêem” do Museu Calouste Gulbenkian; e sua aproximação com o movimento social das pessoas com deficiência de São Paulo, foram processos desencadeadores das ações empíricas e proposições teóricas da museóloga; e ainda, que a posicionaram como uma das pioneiras no desenvolvimento da acessibilidade museal na América Latina.

Sua atuação, no entanto, não ficou circunscrita as ações e projetos no Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, uma vez que também proporcionava a participação dos estudantes do Curso de Museologia da FESP-SP no desenvolvimento das mesmas, contribuindo com o compromisso social dos profissionais de museologia formados pela escola.

### **As exposições acessíveis no Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo e seus legados**

O projeto do Museu da Indústria da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, criado e coordenado por Waldisa entre os anos de 1978 e 1987, tinha como base a participação e inclusão dos trabalhadores da indústria paulista e de suas comunidades no universo museológico. Foi o primeiro museu brasileiro sem uma sede única, sua proposta era de uma instituição poli nucleada.

Esse projeto logo se tornou uma referência internacional no campo da Museologia Social e Educação Museal, principalmente pelo engajamento social de suas ações de preservação e difusão do patrimônio industrial centradas nos trabalhadores e comunidades do entornos das indústrias e fábricas que compunham os polos museológicos. As programações oferecidas pelo museu estavam sempre afinada com questões sociais e engajadas com a inclusão social de novos públicos.

Em 1979, a ONU criou o “Ano Internacional da Criança”, fomentando ações em benefício da garantia dos direitos das crianças em todos os países participantes.

Waldisa sempre atenta as questões sociais em sua produção teórica e empírica, nesse ano, empreendeu ações que dialogavam com a ação da ONU como a publicação do artigo “Os Museus e A Criança Brasileira” no jornal O Estado de São Paulo, no qual expressava suas preocupações e reflexões acerca dos direitos das crianças, levando em consideração a realidade brasileira, no acesso aos museus e ao patrimônio cultural.

As ações empíricas planejadas pela museóloga e afinadas com o tema em questão foram, principalmente, a criação do projeto do Museu da Criança e as exposições do Museu da Indústria intituladas “Oficinas Infantis” apresentadas no Parque da Água Branca na Semana da

Criança nos anos de 1979, 1980 e 1981. Essas propostas se caracterizavam por apresentar o museu como um ambiente participativo, colaborativo, ativo e que garantia o acesso do público livre de barreiras sociais, arquitetônicas e econômicas.

No ano, 1980, Waldisa realizou a exposição “Percepção e Criação” no Museu da Indústria, que foi concebida com a participação de instituições educativas de atenção a pessoas com deficiência, e que propunha aos visitantes, independente de terem ou não deficiência, uma imersão de percepção multissensorial, com instalações feitas com materiais simples e de baixo custo.

A exposição de curta duração (menos de dez dias), foi realizada no Centro Social Mario França de Azevedo – o SESC Carmo. Um espaço cultural, de lazer e assistência social localizado na região da Praça da Sé, na cidade de São Paulo, caracterizada pela concentração de pessoas em situação de vulnerabilidade social, como moradores de rua, desempregados, usuários de drogas, migrantes e imigrantes de baixa renda.

Muito diferente da exposição “As mãos vêem” do Museu Calouste Gulbenkian (brevemente descrita no subtítulo anterior) em Portugal, os recursos financeiros e apoio institucional dedicado para essa mostra, eram bastante exíguos. O desenvolvimento do projeto museológico e educativo contou com participação dos alunos de Waldisa do Curso de Especialização em Museologia da FESP-SP e de outros cursos nas áreas de artes, medicina, ortóptica e psicologia.

Nesse caso, não foi publicado um catálogo ilustrado, somente um folheto com agradecimentos às pessoas e instituições participantes e com um texto de apresentação escrito por Russo com as seguintes afirmações:

É uma experiência aberta de desenvolvimento sensorial. Trabalha com objetos naturais e artefatos: estes vão da artesanaria à elaboração industrial. Não há uma preocupação prioritariamente estética no sentido tradicional. A beleza está contida em tudo, implícita em tudo. E a beleza maior está na descoberta: cores, ritmos, formas, volumes e espaços; sons e ruídos; cheiros e perfumes. A beleza está na descoberta da mão que tateia, ou que, a alguns centímetros do objeto transmite uma mensagem ao cérebro...e o registro vem, definido em palavras: “É áspero, ou É granuloso”, ou “É macio”. É frio (ou tépido, ou quente)... “É azul! É bicho!” “É árvore!” “É gente!”

Estrelas semeadas em nosso caminho pelos chamados “deficientes” visuais, com quem temos muito a aprender.

Uma experiência aberta não tem limitações: tem apenas algumas previsões e alguns objetivos iniciais, mas a proposta maior está em sua própria abertura.

Por isso, assim definimos nossos objetivos iniciais: a) estimular, nos deficientes visuais e nos “videntes”, sua capacidade sensorial, sua percepção e auto-expressão; b) demonstrar, aos chamados “videntes, que há toda gama de percepções amortecidas e a serem desenvolvidas, tal qual o fazem, em geral, os

“deficientes visuais”; c) deixar caracterizado o grande potencial dos “deficientes”, que só permanece latente ou inerte quando abafado pelo paternalismo ou proteção excessiva; d) deixar aberturas para experimentos dentro do Experimento e não formular, “a priori”, afirmação nenhuma, além das verdades elementares resultantes de experiências anteriores, nem por isso inquestionáveis. (Russio, 1980 p. 01)

No ano seguinte, 1981, a ONU lançou as ações do “Ano Internacional da Pessoa com Deficiência”, que corroborou com a união e reivindicação de representantes dessa população de diversos países, transpondo dificuldades de comunicação e fronteiras com ações afirmativas e eventos para garantia de seus direitos. Esse marco foi extremamente importante para o desenvolvimento do movimento pelos direitos das pessoas com deficiência no Brasil, que tinha e tem como principais lideranças pessoas com deficiência, que desempenham papel fundamental nas conquistas do direito à acessibilidade, inclusive no acesso aos museus, ao patrimônio e na afirmação de suas identidades e representatividade nesse universo.

Nessa ocasião museus de países norte-americanos e europeus ofereciam programas de ação cultural e educativa voltados a diferentes perfis de público como grupos de estudantes do ensino básico, universidades, famílias, turistas, imigrantes e jovens, entretanto, a parcela da população representada por pessoas com deficiência, idosos e minorias étnicas ainda era considerada como “público especial”, isto é, não era considerado como público regular das instituições. Waldisa, atenta a estes mecanismos de exclusão em museus brasileiros e estrangeiros e se posicionava criticamente afirmando que:

Aquilo que a museologia do Hemisfério Norte designa por “públicos especiais” (e, portanto, residuais) de museu constitui na maioria dos países latino-americanos o seu grande público, efetivo ou latente: crianças, analfabetos, deficientes, grupos “marginalizados” ou “socialmente controlados”, “culturalmente diferenciados” etc. Basta examinar as pirâmides demográficas, as estatísticas de efetiva alfabetização, os quadros de frequência das bibliotecas públicas, os dados sobre deficientes etc. Basta olhar para as ruas de nossas metrópoles, onde milhares de crianças (o futuro na nação?) esmolam, agridem e se agridem, assaltam, se prostituem... (Guarnieri, 1989 p. 191)

Em relação as ações empíricas empreendidas por ocasião do Ano Internacional da Pessoa com Deficiência e por meio de sua aproximação com o movimento das pessoas com deficiência, foi criada a exposição “O trabalho do Deficiente: realidade e possibilidade” no âmbito do Museu da Indústria e realizada no SESC Carmo (Centro Social Mario França de Azevedo), que apresentava ao público paulista ambientes de trabalho corporativos que admitiam funcionários com deficiência e oportunidades de investimento em profissões criativas para artesãos, artistas e empreendedores com deficiência. Durante a realização da exposição os

profissionais com deficiência que colaboraram com o seu processo de concepção atuavam como mediadores junto aos visitantes, mostrando seus processos de trabalho com equipamentos, tecnologias e ferramentas diversas.

Em paralelo a exposição, foi realizado o Ciclo de Debates intitulado “O Papel do Deficiente da Sociedade” que contou com participação de líderes do movimento e especialistas em diferentes áreas como Arquitetura, Empregabilidade, Educação Inclusiva e Museologia.

A partir dos projetos mencionados, o envolvimento de Waldisa extrapolou as ações no âmbito museal, se estendendo para a participação em eventos científicos sobre deficiência e na redação de textos reflexivos sobre acessibilidade em museus como “Somos todos Deficientes Visuais” - 1980, “Um novo conceito de museu” - 1981 e “Acesso aos Museus” - 1981, sendo que os dois últimos, inéditos até o ano de 2020, foram publicados no livro *Teoria Museológica Latino-americana* – Waldisa Russio Camargo Guarnieri, fruto de uma parceria entre o ICOFOM-LAC (Comitê para Museologia do ICOM da América Latina e Caribe) e o projeto de pesquisa<sup>7</sup> coordenado por mim junto ao IEB-USP entre 2017 e 2022.

Outro resultado do envolvimento da museóloga com os movimentos e causas em defesa dos direitos das pessoas com deficiência, das crianças, dos jovens e das populações economicamente carentes, foi o caráter inclusivo e acessível do projeto de criação, exposição inaugural e do programa educativo da Estação Ciência - 1987.

O projeto museológico apresentava diretrizes para garantia de acesso dos públicos com deficiência física e visual e a exposição inaugural “O Homem, o Planeta e a Vida” contava com eliminação de barreiras arquitetônicas; recursos de comunicação e fruição multissensoriais e o programa de ação educativa (composto por uma equipe de educadores formados em cursos de graduação em ciências e humanidades que preferencialmente estivessem realizando pesquisas de mestrado e doutorado em áreas afins as temáticas da instituição) apresentava estratégias de mediação adequadas para pessoas com deficiência e crianças em situação de vulnerabilidade social.<sup>8</sup> Aproximações do pensamento de Waldisa com a Sociomuseologia: o museólogo, a museóloga, museólogos e os profissionais de museus como trabalhadores sociais

Conforme já apresentado nesse texto, Waldisa Russio desenvolveu uma série de contribuições no campo teórico da museologia, sendo que uma de suas principais atuações se deu junto ao comitê fundador do ICOFOM (Comitê para Museologia do ICOM).

Nos primeiros anos de encontros e publicações do comitê, o esforço maior de seus membros era a inserção da Museologia entre as ciências humanas e sociais. No entendimento que por sua “juventude” e pelas características de sua dimensão aplicada, o método ideal para seu desenvolvimento seria a interdisciplinaridade. Ainda dentro das discussões propostas no âmbito do comitê, uma nova tendência de pensamento se aproximou de suas ações - a dimensão social da museologia – que mais tarde passar a ser reconhecida como a Museologia Social e a Nova Museologia, que ganha um movimento internacional oficialmente estabelecido, a partir do ano de 1984.

Em ambas tendências de pensamento, refletidas diretamente no campo empírico, o papel dos museus como agentes de desenvolvimento social é enfatizado, entretanto as proposições e práticas iniciadas principalmente em países europeus, parecia não reconhecer as

---

<sup>7</sup> Projeto “O Legado Teórico de Waldisa Russio Camargo Guarnieri: reconhecimento e consolidação dos seus estudos, baseados em experiências empíricas em museus brasileiros para a teoria museológica internacional” – com Auxílio Jovem Pesquisador FAPESP Processo: 2016/15220-4.

<sup>8</sup> No livro “Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências: experiências, estudos e desafios” organizado por Jéssica Norberto Rocha e publicado em 2021, há uma capítulo de minha autoria, intitulado “Conceitos e diretrizes para o desenvolvimento de acessibilidade em museus de ciências: a concepção do Cité des Sciences et de l’Industrie, em Paris, e o projeto inaugural da Estação Ciência para inspirar novas práticas” que apresenta o pioneirismo do projeto museológico acessível da Estação Ciência. O livro em PDF pode ser baixado em: <https://www.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/ebook-acessibilidade-em-museus-e-centros-de-ciencias/>

singularidades das realidades museológicas de regiões menos favorecidas econômica e culturalmente, como a América Latina.

Waldisa, que logo percebe essas diferenças cria, então uma nova proposição: a “Museologia Popular”, que em linhas gerais pode ser definida como a aplicação das diretrizes da Nova Museologia e da Museologia Social frente a realidade Latino-Americana. Ela acreditava que os museus deveriam ser agentes de desenvolvimento social, bem como os profissionais que neles atuavam, trabalhadores sociais. Nesse sentido, segundo Ribeiro, em seu artigo “Novas Estruturas/Novos Museus”, publicado na primeira edição dos Cadernos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Lisboa, cuja a temática era dedicada a Museologia Social, em 1993, afirma que:

O museu passa a ser um instrumento de intervenção capaz de mobilizar vontades e esforços para a resolução de problemas comuns, no seio das comunidades humanas onde se encontra. Os espaços e as coleções passam a plano “secundário” e a “pessoa”, singular e/ou colectiva, assume papel primordial no processo museológico. (Ribeiro *et al*, 1993 p. 16)

Um pensamento bastante afinado com a militância, projetos e atuação docente na formação de museólogos no Brasil, encabeçados por Russio.

Sua atuação como docente de cursos de formação em museologia<sup>9</sup> se caracterizou pelo engajamento com as questões sociais de seu tempo, o que pode ser considerado um dos seus maiores legados, uma vez que seus os alunos e os pesquisadores que a tiveram como orientadora de mestrado, foram beneficiados com oportunidades de trabalho, pesquisa e com a aproximação com a militância por causas políticas, sociais e pela regulamentação da profissão de museólogo.

Segundo ex-alunos e hoje profissionais de referência na área de museologia e políticas culturais que concederam depoimentos para a extensão de memória oral do projeto de pesquisa por mim coordenado no IEB-USP, como Cristina Bruno, Giselle Peixe, Pierina Camargo, Ricardo Bógus, Pedro Federsoni, Marília Xavier Cury, Inês Coutinho e Célio Turino de Miranda; Waldisa envolvia seus alunos e companheiros de trabalho na participação em manifestações, atos políticos, interlocução com líderes de causas sociais, reuniões de grupos da sociedade civil e sindicatos e em seus projetos museológicos inclusivos e acessíveis.

Suas propostas, ações, cursos, pesquisas e principalmente o contato direto com os visitantes das exposições que elaborou - crianças pequenas, famílias de baixa renda, cidadãos com pouca escolaridade e pessoas com deficiência - corroboravam com suas teorias sobre a função social do museu e do museólogo como trabalhador social. Essa premissa acompanhava todo o ciclo de formação dos alunos do Curso de Especialização em Museologia da FESP-SP e daqueles que frequentaram seus cursos de extensão no Brasil e em países da América Latina, Portugal e França.

Para Waldisa os museus deveriam acolher a sociedade em sua diversidade e promover a participação de seu público nas ações de preservação e difusão do patrimônio, com o objetivo de tornar esses espaços mais inclusivos e humanizadores. Acreditava ainda na importância dos museus para o desenvolvimento humano e social.

---

<sup>9</sup> Waldisa coordenou, entre 1978 e 1990 o Curso de Especialização em Museologia da FESP-SP, onde atuou como professora e orientadora, mas também foi docente em outros cursos de especialização e aperfeiçoamento na América Latina, França e Portugal.

Entre vários rascunhos de textos, localizados no Fundo Waldisa Russio do IEB-USP, encontramos uma versão em português do texto “*Museologie e Futurologie: esquisse d’idées*”, publicado em francês, no periódico ISS – *Icofom Study Series*, cuja temática se assemelhava ao título do artigo “Museologia e Futurologia”. O trecho que chamou a atenção nesse rascunho, e que creio representar o pensamento acerca da função social dos museus para Waldisa é o que transcrevo a seguir: “Os museus são filhos da sociedade que os engendra, e como todos os filhos, servem para ajudar os ‘pais’ no seu processo de atualização, de reciclagem do mundo” (Guarnieri, 1989). Esse excerto, foi publicado postumamente ao seu falecimento (1990), no *Jornal do Instituto de Museologia*, lançado em sua homenagem, no ano de 1991.

Waldisa, partiu cedo, no auge de sua carreira profissional, e em um momento em que as redes de comunicação e informação ainda estavam em processo de desenvolvimento, o que dificultou de certa forma a difusão de seu legado. Entretanto, nos deixou com os questionamentos, inquietações e reflexões apresentados nesse texto, que não pretende esgotar o assunto ou postular afirmações inquestionáveis sobre sua produção teórica e empírica, sobretudo na área de acessibilidade em museus, mas abrir caminhos para novos olhares e diálogos a partir do compartilhamento de algumas experiências por ela desenvolvidas.

### Referências Bibliográficas

- Ferreira, M. T. G. (1980) Texto de Apresentação. *in* As Mãos Vêm. MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – Lisboa.
- Giraudy, D. (1980). Prefácio *in* As Mãos Vêm. MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – Lisboa.
- Guarnieri, W. R. C. (2010). *Museus Nacionais: o Museu da República (1989)*. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Russio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. V1. 1ª ed. São Paulo: ICOM-Brasil/ Pinacoteca do Estado de São Paulo/ Imprensa Oficial.
- Guarnieri, W. R. C (1989) *in* INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO. *Jornal do Instituto de Museologia de São Paulo – Edição em Homenagem a Waldisa Rússio Camargo Guarnieri*. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1991.
- Russio, W. P. (1977). *Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política – Escola Pós Graduada de Ciências Sociais.
- Ribeiro, A. (1993). *Novas Estruturas/Novos Museus* *in* MOUTINHO, Mário (org.) *Cadernos de Sociomuseologia n. 01 Sobre o conceito de Museologia Social*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia/ SESC – Centro Social Mario França de Azevedo. *Percepção e criação, 1980 (catálogo de exposição com texto de Waldisa Russio)*.